

DECLARAÇÕES À IMPRENSA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, JOÃO LOURENÇO, NO FINAL DA VISITA AO APROVEITAMENTO HIDROELÉCTRICO DE CACULO CABAÇA | Dia 20 de Maio de 2023.

TPA- Com que impressão é que vai sair daqui depois do que lhe foi apresentado e informado?

PR: Eu saio daqui com o sentimento do que já foi realizado até à presente data, mas que o acto do desvio do rio que acabámos de assistir há momentos é um marco importante para a continuação das obras deste importante projecto do Aproveitamento Hidroeléctrico de Caculo Cabaça.

Esperamos que dentro de sensivelmente três anos

- mais precisamente, se quisermos ter o rigor necessário, em Outubro de 2026 - vamos inaugurar aquela que será a maior barragem hidroeléctrica de Angola e a terceira maior do continente africano, depois da Barragem de Aswan, no Egipto, e da Barragem de Cahora Bassa, em Moçambique.

TPA- Sabemos que este projecto resistiu à crise financeira global e à COVID-19. Pode dar-nos garantias de que as obras já não vão parar?

PR - Nós vamos trabalhar para não parar. Garantia escrita, isso ninguém dá. Vamos é tudo fazer no sentido de, repito, à data prometida ou estimada (Outubro de 2026), voltarmos cá já para cortar a fita e colocar este grande empreendimento, esta grande infra-estrutura, ao serviço do país, ao serviço da economia, ao serviço das populações.

RNA- Como pensa o Governo, daqui p'ra frente, resolver o problema da distribuição da energia eléctrica nas principais localidades do país, sobretudo nas sedes municipais e comunais de todo o país?

PR - Como pensamos...Pensamos fazer aquilo que é dever de se fazer. É fazer investimentos neste domínio. No domínio da transportação da energia a partir das principais fontes de produção de energia. Sem sombra de dúvida, neste momento as principais fontes de distribuição de energia encontram-se aqui no Baixo Kwanza. Isso já começou a ser feito, mas vamos continuar a investir na transportação de energia nas três grandes barragens aqui no Baixo Kwanza. Estou a referir-me ao Aproveitamento Hidroeléctrico de Cambambe, de Capanda, de Laúca e, dentro de três anos, também desta de Caculo Cabaça, levar essa energia o mais longe possível para que possa servir o centro, o sul, o norte e o leste do nosso país.

Parte dessa energia já se encontra no centro: no Huambo e no Bié. Nós dissemos há dias, há sensivelmente uma semana em Laúca, que temos importantes projectos de linhas de

transportação de energia de Bélem do Huambo, na província do Huambo, para a cidade do Lubango, que por sua vez depois se vai distribuir para o Namibe e o Cunene, bem como do Gove para a Matala. Portanto, do Gove, província do Huambo, para Matala, província da Huíla, com o mesmo fim de expandir a distribuição de energia, de uma forma geral para o sul de Angola, para não ter que citar, província por província.

Mas a acompanhar essas linhas de transportação de energia, serão construídas também subestações e, depois a ponta final do investimento que é, sem sombra de dúvida, as ligações domiciliares. Porque não basta termos centros de produção de energia, não basta colocarmos a energia de alta tensão nessas localidades. Precisamos é de colocar essa energia de baixa tensão, de 220 volts, em casa dos consumidores e das indústrias que, com certeza, algumas já existem e outras surgirão, para consumirem essa energia que estamos a produzir.

REDE GIRASSOL- Na senda dos prazos, gostávamos de saber se o accionar deste botão e o término deste desvio, pode significar o acelerar das obras, tendo em conta também os condicionalismos financeiros que temos estado a encontrar, já que na semana passada o Senhor Presidente falou da necessidade de encontrarmos parceiros para financiar também o projecto?

PR - Este projecto tem financiamento assegurado. O que eu dizia na semana passada é que, se tudo correr bem, se não houver atrasos nos desembolsos - para ser mais claro -, vamos cumprir os prazos previstos. Mas financiamento assegurado tem, de um banco chinês, mais concretamente do Banco Comercial e Industrial da China, em relação à obra civil; e de um financiamento de um banco alemão, que vai financiar o custo das cinco turbinas que vão gerar energia neste aproveitamento hidroelétrico.

Portanto, a questão do financiamento, em princípio, não se põe. É evidente que temos é que assegurar que não falhe nos prazos, para não condicionar também o ritmo de trabalho da obra no terreno. E o acto que acabámos de realizar aqui hoje significa um passo importante para a continuidade dos trabalhos. Porque é a partir de agora, depois que o rio estiver seco nessa parte - porque a água começa a ser desviada a partir de agora -, que o empreiteiro civil vai começar a construir a barragem, portanto o paredão, se me permitem a expressão, que vai começar daquele ponto, segundo o ministro (eu estou a recapitular o que o ministro [da Energia e Águas] acabou de me dizer - o paredão vai começar daquele ponto para este ponto, de uma montanha para outra, para constituir-se, uma vez concluído, a albufeira deste aproveitamento hidroelétrico.

Portanto, nós para termos uma barragem hidroeléctrica deste género precisamos de ter duas coisas fundamentais: a albufeira construída para armazenar a água e, obviamente, as turbinas que, aproveitando desta água, vão gerar a energia necessária.